

UM DISCIPULADO MAIS PLENO: A mulher de Betânia (Mc 14,3-9)

*Fabrizio Zandonadi Catenassi**

Resumo

O evangelho de Marcos (14,3-9) apresenta uma mulher que unge a cabeça de Jesus em Betânia com um perfume de nardo puro, o que revela um caminho de plenificação do discipulado a partir da superação de algumas estruturas. Neste estudo foi conduzida uma análise sinótica do texto, uma explicação de termos (Betânia, a mulher sem nome, o puro nardo, quebrar o vaso) para partir para uma análise teológica, a partir das duas estruturas apresentadas na perícopie em tom de superação: a visão deturpada sobre o messianismo e o seguimento exclusivamente ritualístico da Lei. Certamente, é uma narrativa paradigmática sobre o seguimento de Cristo. Somente a partir da superação de uma visão incompleta sobre o discipulado, o cristão poderia seguir a Cristo em sua plenitude e as primeiras comunidades cristãs, iluminadas pelo evangelho de Marcos, poderiam viver sua vida nova de forma também plena.

Palavras-chave: *Discipulado. Nardo. Unção. Mulher. Superação.*

Abstract

The text of Mark (14.3-9) presents a woman who, in Bethany, anoints Jesus' head with a pure nard scent, which reveals a fullness of discipleship, from the overcoming of some structures. In this study is presented a synoptic analysis of the text, an explanation of the different terms (Bethany, the woman without name, the pure nard, to break the cruse), in order to lead to a theological analysis from the two structures presented in the pericope as an overcome: a distorted vision about messianism and the respect exclusively ritualistic of the Law. It is certainly a paradigmatic narrative about the way to follow Christ. Only by overcoming the incomplete vision of the discipleship, Christians could fully follow Christ, and the first Christian communities, illuminated by Mark's Gospel, could have lived also totally their new life.

Keywords: *Discipleship. Nard. Anointing. Woman. Overcome.*

* Grupo de Pesquisa Bíblica e Pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Campus Londrina. Bolsista IC/CNPq.

Introdução

Uma das abordagens para a leitura do evangelho de Marcos dá ênfase ao projeto de discipulado que o autor propõe¹. De fato, parece que uma das suas mais fundamentais preocupações era indicar um caminho para a Igreja nascente, que oferecia parâmetros para aqueles que desejavam seguir Jesus, ou ainda apresentar de maneira mais clara a mensagem do Senhor para aqueles que tiveram contato com sua proposta, mas ainda não haviam entendido bem o compromisso e a responsabilidade inerentes àquele que desejava seguir o Caminho².

O início de seu escrito dá esta tonalidade. Os demônios são os primeiros a apontar Jesus pelo que Ele realmente é: o enviado de Deus. Eles o dizem, aos gritos: “Sei quem tu és: o Santo de Deus” (Mc 1,24). A conjuração destes demônios por Jesus não deve ser entendida como uma simples luta contra as forças do mal. Aqui está um caráter típico do evangelho de Marcos: não se compreende quem é Jesus senão a partir do seguimento. O convite fundamental do Mestre é para que seus vocacionados fiquem com Ele (Mc 3,14), uma vez que ao se acercarem serão capazes de reconhecer nele o Filho de Deus.

Marcos apresenta uma mulher que aderiu ao seguimento de Jesus, manifestando sua fé ao ungir a cabeça de Jesus em Betânia com um perfume de nardo puro (Mc 14,3-9). Este relato foi contado desde cedo na comunidade, não havendo dúvidas sobre sua autenticidade³. É apresentado de maneira curiosa, sendo rico em detalhes em alguns momentos (o tipo e o valor exato do perfume, o nome do proprietário da casa onde Jesus estava) e intencionalmente omitindo outros aspectos (como a identidade da mulher em questão). Parece que estas características foram intencionalmente colocadas na passagem, que termina de forma não menos significativa: Jesus indica que o gesto dessa mulher deve ser lembrado em todas as partes onde o evangelho for proclamado (v. 9).

Trata-se de um texto com uma função particular no contexto da paixão, o qual acentua o caráter de uma pedagogia do discipulado própria do evangelista. Esta mulher é posta em paralelo com os outros discípulos, mas sua ação é evidenciada e valorizada por Jesus, o que apresenta um panorama de superação em diferentes níveis. A interpretação de sua ação por parte de Jesus capacita o leitor da paixão em Marcos a bem compreender o que é o discípulo, mas também a entender o que é o Messias no plano de Deus, desligado do messianismo triunfalista que imperava de forma geral no judaísmo.

Assim, a partir de uma análise socioliterária, este artigo objetiva compreender melhor a colocação desta passagem no contexto da paixão, destacando os aspectos

1. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012; MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

2. MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 14.

3. SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 231.

do discipulado, especialmente a superação das estruturas judaizantes em busca da figura messiânica proposta em Jesus.

1. O início da Paixão: Jesus em Betânia

A perícopé que narra a unção em Betânia insere-se no conjunto final dos escritos de Marcos, que narram a paixão, morte e ressurreição de Jesus (caps. 14-16)⁴. A compreensão do contexto da paixão desenhado por Marcos é fundamental para estruturar uma aproximação teológica da perícopé. A passagem pode ser enquadrada no contexto do desfecho da prática, vida e pessoa de Jesus, preparado tanto por Jesus quanto pelos que o seguem, além dos que a Ele se opõem⁵. Exatamente neste contexto de dúvidas e oposições dos chefes dos sacerdotes, permeado por uma postura de fé fraca dos discípulos, é fundamental identificar quem é o verdadeiro Cristo.

Desde o cap. 11, Jesus está em Jerusalém. Há uma caminhada que conflui para responder à pergunta mais fundamental do escrito de Marcos: “Quem é Jesus?” O “segredo messiânico”, assim chamado em geral pelos estudiosos, é mantido em constante sigilo, uma vez que só pela metodologia do seguimento é que a pessoa do Messias ganha uma configuração na vida dos fiéis.

Por isso, os relatos da paixão ganham um tom muito particular e dão à narrativa a nota que permeia sua harmonia: com os acontecimentos que seguem à entrada em Jerusalém, o messianismo de Jesus se torna cada vez mais claro. Aí também se vai compreendendo o processo do discipulado como uma prática de encontro constante com o Cristo, portanto, também de revelação. Não há como saber quem é Jesus se não se compreende sua ação terrena, coroada e plenificada em sua morte e ressurreição.

A unção em Betânia localiza-se estrategicamente entre a conspiração contra Jesus, feita pelos chefes dos sacerdotes e escribas (14,1-2) e a proposta de traição por parte de Judas Iscariotes (14,10-11), quebrando a evolução lógica dos acontecimentos e inserindo a passagem por ser um episódio carregado demais de significado⁶.

Uma vez que o texto é antecedido pela estruturação da prisão de Jesus, que culmina com o acordo feito com Judas, este relato é inserido em um tom de ruptura, dando à paixão uma dimensão mais profunda que uma simples armação humana. Schnackenburg afirma que a unção em Betânia insere o leitor não somente no contexto de conflitos externos que eram estruturados pela trama da morte de Jesus, mas também na situação interna⁷, que vislumbra Jesus prevendo sua morte e interpretando-a como consumação de sua obra, fazendo o Evangelho vitorioso no mundo.

4. É importante dizer que não há um consenso definitivo entre os especialistas sobre as seções que compõem o evangelho de Marcos. Entretanto, a partir do 11,1 inicia-se o relato da paixão em Jerusalém, que é transcorrida até o último capítulo de Marcos.

5. BALANCIN, E.M. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 160.

6. BARBAGLIO, G. et al. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990, p. 585.

7. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 227.

É comum que os estudiosos abram mão de uma verificação cronológica da passagem em detrimento de sua significação no conjunto geral da obra⁸. Ainda assim, tanto na narrativa de João quanto na de Mateus e Marcos, há uma importante característica temporal ligada à morte-ressurreição do Cristo: a Páscoa judaica.

No quarto evangelho, o autor diz de maneira cuidadosamente pormenorizada que a visita a Betânia se realizou seis dias antes da festa da Páscoa (Jo 12,1). Marcos indica que foi somente dois dias antes (14,1). Entretanto, esta menção cronológica está dentro da perícopes que narra a conspiração e não pode ser aplicada aos vv. 3-9 sem muita dificuldade. De qualquer maneira, parece consenso que o contexto escolhido para apresentar o ocorrido em Betânia foi o da festa dos Ázimos (os pães sem fermento). Ainda que tenham origens diversas, as festas dos Ázimos e da Páscoa estavam tão ligadas entre si a ponto de se identificarem (Dt 16,1-8).

A Páscoa era certamente a festa mais importante dos judeus, conjuntamente à de Pentecostes e à das Tendas. O cordeiro que serviria de alimento para a família era apresentado aos sacerdotes na tarde do dia 14 do primeiro mês, *nisã* (atual abril), para que pudesse ser abatido, levado para casa e então preparado segundo as prescrições rituais (Ex 12,1-4) após o derramamento de seu sangue no altar. Regressando para casa, a família preparava as ervas amargas, o cordeiro e os pães ázimos para a ceia. Em memória à páscoa celebrada às pressas no Egito, quando não houve tempo para a massa levedar, o uso do pão fermentado era expressamente proibido durante sete dias (Ex 12,15-20).

Na celebração, o tom de festejo era a liberdade. O povo fazia a memória dos acontecimentos do passado, lembrando a maneira com que a mão poderosa de Deus os havia libertado da violenta opressão e escravidão sofridas no Egito, atualizando os acontecimentos e renovando a esperança messiânica. Era uma festa que reunia milhares de peregrinos em Jerusalém, o que favorecia os planos dos chefes dos sacerdotes de matá-lo, uma vez que estavam enciumados (Mt 27,18) por seu prestígio entre o povo, o que enfraquecia o poder de influência das classes opressoras. Eram exatamente alguns poucos dias antes da maior festa dos judeus que, em meio à festa, danças, incensos e ritos, a morte de Jesus não resultaria em uma rebelião popular.

1.1 A unção do mestre

Neste contexto, Jesus encontra-se em Betânia, um vilarejo nos arredores de Jerusalém. O cenário é inicialmente desenhado, situando a passagem no espaço: Jesus está à mesa, imagem típica dos sinóticos (Mt 9,10; Mc 2,15; Lc 5,29), comendo em casa de Simão, provavelmente um leproso, ou ex-leproso. Seria “o primeiro de muitos vínculos narrativos com o início da narrativa subversiva: a cura do leproso que Jesus realiza (Mc 1,40-45)”⁹. Segundo Myers, a estrutura do relato segue a lógica

8. BARBAGLIO et al., *Os Evangelhos* (I), p. 585; SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 231-232.

9. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 426.

dos episódios de conflito marcanos (como em 2,1-12; 10,13-16), nos quais Jesus se remete primeiro ao sujeito e então aos seus adversários, finalizando com o retorno da atenção ao sujeito¹⁰.

Há três personagens principais na trama: Jesus, os discípulos e os que acompanhavam a refeição e a mulher, que aparece de maneira implicitamente ousada. Ela adentra o espaço reservado somente para os convidados, portando um frasco de um perfume extremamente caro, o nardo. Após quebrar o frasco, derrama todo o conteúdo na cabeça de Jesus, unguindo-o. Sua atitude ousada surpreende os presentes e a narrativa deixa entrever interpretações próprias de todos, tanto da mulher quanto de Jesus e também por parte dos convivas.

Prontamente, os personagens que permeiam a cena se põem em desacordo com a mulher, indignados por trazer um perfume tão caro e desperdiçá-lo todo com o convidado, levantando a questão dos pobres e da forma com que um bem tão valioso poderia ser usado para amparar os mais necessitados, se vendido. A estrutura é semelhante aos primeiros episódios de conflito do evangelho (p. ex., o paralítico em 2,1-12, as crianças em 10,13-16).

A resposta de Jesus é tão direta quanto a reação dos comensais. Sua atenção se volta para seus adversários e Ele responde enaltecendo a boa ação da mulher, justificada porque é dirigida a Ele, portanto, não pode ser questionada por nenhum dos presentes. Então, ressignifica o sentido da ajuda aos pobres e dá um dado novo: a antecipação da sua morte, dizendo que a mulher “antecipou-se a ungir meu corpo para a sepultura” (v. 8). Jesus em sua paixão é apresentado por Marcos em um tom misterioso. Segundo Schnackenburg, Jesus é aqui aquele que tudo prevê e determina, assim como já havia demonstrado por ocasião da sua entrada em Jerusalém (11,1-6) e ao predizer sua morte (14,18-21)¹¹.

Como desfecho, novamente o foco se volta à mulher: por sua boa ação, deve ser lembrada em todas as partes por onde o Evangelho for proclamado.

2. Análise do texto

2.1 Divisão do texto

Propõe-se a seguinte divisão do texto:

- a) v. 3: Jesus à mesa e o surgimento da mulher
- b) v. 4-5: indignação de alguns presentes
- c) v. 6-7: reação de Jesus
- d) v. 8-9: elogio de Jesus à ação da mulher

10. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 426.

11. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 227.

2.2 Comparação sinótica

O texto é apresentado pelos quatro evangelistas. Está presente nos sinóticos (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Lc 7,36-50) e também em João (12,1-11). Em uma análise geral, o texto de Lucas destoa significativamente de Mt e Mc. O autor não apresenta a mulher no contexto da Páscoa e sim antes de sua partida para Jerusalém, na casa de um fariseu; a mulher não unge a cabeça de Jesus, mas banha os pés com suas lágrimas, porque era pecadora conhecida na cidade, e depois os unge com perfume. O centro da crítica em Lucas, feita pelo fariseu, está em acolher uma pecadora sem censurá-la e a resposta de Jesus segue o mesmo caminho, de um perdão cheio de misericórdia. João apresenta nuances também distintas: Jesus está na casa de Lázaro, recebendo a unção também nos pés, mas dessa vez administrada por Maria, irmã do dono da casa; quem ficou furioso pelo desperdício foi Judas, o traidor.

Uma das primeiras questões colocadas quando comparados os textos é sobre a identidade desta mulher. Há uma grande dificuldade na exegese moderna em identificar a mulher ou as mulheres que participaram da unção de Jesus em Betânia, não chegando a um consenso definitivo. O texto foi objeto de discussão de muitos autores da antiguidade, indicando ora tratar-se de três mulheres e unções distintas (Teofilacto e Orígens), ora como duas mulheres, uma pecadora e a outra, Maria (Agostinho)¹².

A comparação do texto de Marcos e Mateus traz características importantes: O texto de Mateus é mais breve e com menos detalhes, apresentando algumas variações gramaticais, mas com grande semelhança no conteúdo do texto, no vocabulário e no contexto literário. A composição de Lucas apresenta-se na forma de mosaico, com vários elementos literários distintos dos outros evangelistas, que empresta a estrutura da perícopé, mas traz um material de origem variada, como a questão do perdão dos pecados¹³.

De qualquer forma, Schnackenburg categoricamente afirma que “o relato marciano é sem dúvida o mais original e antigo”¹⁴, o que parece ser consenso entre os estudiosos.

Malzoni, ao analisar a evolução da tradição em torno da unção de Betânia, levanta os seguintes pontos¹⁵:

- a) O relato de Marcos depende de uma fonte escrita em ambiente semítico, combinado com uma fonte comum a João;
- b) Mateus segue o texto de Marcos, sem conhecer a fonte comum a João;
- c) João segue uma tradição mais simples, com uma interpretação da unção, em vista do sepultamento, sendo reelaborado a partir do episódio da ressurreição de Lázaro e da última ceia;

12. MALZONI, C. Da cabeça aos pés: a unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição evangélica. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 30, p. 95-106, 1998, p. 96.

13. MALZONI, *Da cabeça aos pés*, p. 102.

14. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 232.

15. MALZONI, *Da cabeça aos pés*, p. 105.

- d) Lucas apresenta um material próprio combinado com elementos tomados de outras tradições conhecidas pelos outros evangelistas.

O autor conclui:

Possivelmente os quatro relatos atuais remontam a um mesmo episódio, mas cada qual por seus caminhos. Em Marcos, Mateus e João, este episódio está ligado a Betânia e às vésperas da paixão de Jesus. É comum a estes evangelistas que a unção siga imediatamente a decisão das autoridades de prender e matar Jesus. Todos os três evangelistas notam ainda que a festa da páscoa estava próxima. Quanto aos evangelhos de Mateus e Marcos, seja a partir da redação de Marcos, seja na fonte que ele tem em comum com Mateus, a perícopes da unção em Betânia passa a fazer parte de um relato mais amplo da paixão de Jesus¹⁶.

2.3 Notas sobre o texto

Betânia: é um vilarejo que está na entrada de Jerusalém, distante uns três quilômetros (cerca de três estádios, cf. Jo 11,18) e situada no declive oriental do Monte das Oliveiras¹⁷. É aldeia onde viviam Marta, Maria e Lázaro, amigos de Jesus (Jo 11,1). Havia outro local homônimo mais afastado de Jerusalém, além-Jordão, de localização desconhecida, onde João Batista batizava¹⁸. A etimologia do nome é a combinação dos termos hebraicos *bet* (casa) e *ani* (pobre, aflito), podendo ser traduzido como “casa do pobre”.

A mulher sem nome: o relato de Marcos apresenta o nome de Simão, o Leproso, que acolhe o banquete em sua casa. Lucas o classifica como fariseu. Ademais, de alguma forma, seu nome está associado à lepra. Seus dois títulos remetem a uma realidade excludente: a lepra está condenada pela Lei de Moisés (Lv 13); o farisaísmo, condenado moralmente por Jesus, que considera seus seguidores como “raça de víboras” (Mt 3,7; 12,34; 23,33). João também apresenta o nome do contestador do derramamento do perfume; em sua narrativa, é Judas, que o faz porque “era ladrão e, tendo a bolsa comum, roubava o que aí era posto” (Jo 12,7).

No evangelho de Marcos, assim como nos outros dois sinóticos, a mulher que unge Jesus permanece anônima. Somente em João a protagonista da cena é Maria, irmã de Marta e de Lázaro (Jo 12,2; 11,2)¹⁹.

16. MALZONI, *Da cabeça aos pés*, p. 106.

17. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 231.

18. MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 280.

19. “A partir do século IV, a tradição identificará esta Maria com a Madalena, provavelmente em consequência de uma confusão com o episódio contado em Lc 7,36-38, onde uma pecadora anônima unge os pés de Jesus na casa de um fariseu chamado Simão. A contaminação entre os dois episódios ou tradições já se pode notar no relato de João, onde a mulher unge com perfume os pés de Jesus e os enxuga com o seu cabelo (Jo 12,3). (BARBAGLIO et al., 1990, p. 586).

Mas além de investigar os significados e interpretações joaninas, o dado apresentado pelos sinóticos parece interessante. A dona do frasco de perfume tão precioso é uma anônima, não foi premiada com a menção de seu nome por nenhum dos evangelistas. Jesus a enaltece por sua ação e consolida na história seu gesto louvável; deverá ser lembrada pelo que fez (v. 9), pois é nisto que se distingue dos outros seguidores, que também permanecem anônimos na perícope. Sua ação amorosa é transcendente e profunda, ainda que a mulher não compreenda a profundidade do seu gesto.

Mais que exaltar a pessoa, Jesus quer iluminar o gesto de reconhecimento de sua missão e ação salvífica como uma característica do seguimento cristão, ainda não apreendida pelos apóstolos. Assim, cada discípulo, à medida que reconhece no Cristo o verdadeiro Messias, novamente derrama sobre Ele a unção mais preciosa e mais importante, entregando a Jesus suas riquezas como sinal de desligamento do accidental e de uma acepção profunda do essencial: o amor. A mulher não tem nome, porque talvez seu nome seja *discípula*.

O puro nardo: o perfume usado na unção era especial. Vinha de uma planta da família das valerianáceas, que cresce nos flancos do Himalaia. Era caro (*poluteles*, ver 1Tm 2,9), elaborado a partir do genuíno nardo que, segundo Barbaglio e outros:

[...] é óleo aromatizado com extratos de raízes e folhas de uma planta da família do Valeriano e que cresce na Índia. Marcos indica que se trata de um perfume *pistikos*, o que pode significar genuíno, autêntico, mas pode indicar também um tipo de perfume indiano comumente chamado de “costum”, aramaico *qustá*, o que por sua vez pode ser traduzido por verdade, fidelidade, e daí pode ter sido traduzido, na fonte grega, subjacente ao texto de Mc, por *pistikos*, fiel, autêntico. Pode-se estimar a preciosidade do perfume a partir da indicação contida no v. 14,5: poderia ser vendido por 300 denários – talvez o salário anual de um operário do campo naquele tempo²⁰.

Um denário era o salário referente a um dia de trabalho no campo (Mt 20,2)²¹. Ou seja, o valor do perfume representava o pagamento por 300 dias de serviço prestados por um trabalhador agrícola, era um valor extremamente alto.

A passagem pode ser comparada com o paradoxal desperdício da viúva pobre (12,41-44). Contudo, há um sentido diferente. A mulher, reconhecendo a grandeza do Mestre que estava comendo em casa de Simão, oferece o que tem de melhor diante da grandeza do convidado. Reconhece seu valor, por isso provavelmente escolhe o que tem de mais caro para oferecer a Jesus.

A quantia de 300 denários é proporcional e contrastante ao valor que Judas dá em troca do seu Mestre: 30 moedas de prata (Mt 26,15), que era o valor de um

20. BARBAGLIO et al., *Os Evangelhos* (I), p. 585-586.

21. KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 59.

escravo. O traidor, perdido no caminho do discipulado, não consegue reconhecer as fibras mais profundas da pregação de Jesus e não o enxerga como o Messias enviado pelo Pai.

Quebrar o vaso: era um costume antigo lacrar os vasos que continham importações caras para evitar falsificações, sendo que, para abri-lo, era necessário romper a parte superior para usá-lo²². Entretanto, pode-se também inferir outro significado. O nardo é apresentado pela Sagrada Escritura como o perfume oferecido ao rei, deitado em seu divã, envolto em um contexto essencialmente amoroso (Ct 1,12). Quando a mulher rompe o frasco para ungir Jesus, expressa o dom total, sem reservas, assim como é o amor. Lucas apresenta o perdão dos pecados como uma prova desta expressão amorosa e doação irrestrita da mulher, perdoada “porque ela demonstrou muito amor” (Lc 7,47c). Quebrar o frasco talvez signifique um desligamento de sua maneira de caminhar, demonstrando seu anseio de seguir Jesus Cristo.

3. Um verdadeiro discípulo

As narrativas que precedem a unção em Betânia carregam significações profundas que abrem espaço para interpretar a vida de Jesus a partir de sua missão, reconhecendo-o como Messias. Assim acontece com a entrada messiânica em Jerusalém (11,1-11), com o episódio da figueira (11,12-14.20-25), com a expulsão dos vendedores do Templo (11,15-19). Esta característica é evidente na parábola dos vinhateiros homicidas (12,1-12), na qual o filho amado do dono da vinha é morto, rejeitado, mas tratado depois como pedra angular. O discurso de Jesus previne contra uma visão distorcida da salvação oferecida por Deus, indicando a vinda de falsos profetas (13,14-23), condenando o falso culto a Deus (12,41-44) e orientando seus discípulos à oração e cautela (13,33-37). A dramaticidade do relato é cada vez mais acentuada diante das perseguições cada vez mais acirradas por parte dos seus adversários (11,27-33), que não eram somente combatidos em ordem prática, mas com uma preocupação clara de Jesus em dar sentido aos acontecimentos, a partir de termos apropriados à salvação e ao Filho do Homem.

Linden defende que “tipicamente, os que estão com Jesus não compreendem o que se passa à volta deles. Não percebem que o ato de unção pela mulher é a antecipação do sepultamento de Jesus”²³. Aqui está a força da perícopes da unção em Betânia. Ela apresenta uma postura de superação da visão limitada dos discípulos e do judaísmo sobre o seguimento e sobre o Messias, uma verdadeira mudança de conhecimento, que se manifesta em dois níveis: a superação da visão sobre o Messias e a superação das obras da Lei.

22. MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 282.

23. LINDEN, P.V. Marcos. In: BERGANT, D.; KARRIS, R.J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999. V. 3, p. 68.

3.1 Superação da visão sobre o Messias

A figura do Messias no ideário judaico estava carregada de uma dimensão triunfalista. Esta visão havia ganhado força no desenvolvimento do judaísmo na volta do exílio, quando uma onda violenta de nacionalismo foi um importante mecanismo de reconstrução da identidade do povo, que passou a enxergar-se cada vez mais como raça santa e pura, escolhida por Deus em detrimento de todos os outros povos.

Assim, a esperança típica do judeu era de um Messias que restauraria o reino de Israel eliminando a dominação estrangeira de seu território. Havia nuances distintas nas diferentes ordens sociais nas quais o povo estava estruturado: uns esperavam um messias revestido de santidade; outros, um militar característico, que com poder bélico expulsaria os outros povos da profanação da cidade santa, Jerusalém; ainda havia os que ansiavam um restaurador da pureza dos mandamentos. Mas, ligada à espada, à ascese ou à Lei, a dimensão de salvação dificilmente estaria segregada de uma postura triunfalista quanto ao Messias. Ele não estaria ligado à morte, mas sim à glória.

Desta forma o povo em geral acompanha com muita expectativa a entrada de Jesus em Jerusalém, uma vez que ali estavam os grandes estigmas da dominação estrangeira, que continuamente gritavam com suas construções romanas (p. ex. a grande Fortaleza Antônia, que fazia frente à imponência do antigo Templo) as incertezas sobre a potência do Deus dos judeus. E o povo em geral certamente depositava em Jesus as dúvidas sobre seu messianismo, que seria comprovado a partir do que faria quando deparado com as situações de adversidade e em meio aos romanos. Sem dúvida, para proclamá-lo Messias, seria preciso antes ver suas atitudes em Jerusalém.

Marcos faz questão de ressaltar a incapacidade também dos discípulos de reconhecerem em plenitude o plano salvífico levado a cabo por Cristo, que culminava em sua morte. Assim, Judas não está mais do lado do Mestre e o vende aos chefes dos sacerdotes (14,10), provavelmente expressando a visão generalizada do messianismo como restringido ao militarismo²⁴; os discípulos se põem tristes na ocasião do anúncio da traição e se perguntam sobre a força de sua fé ao dizerem: “Acaso sou eu?” (14,19); Pedro exprime seu amor dizendo que seguiria Jesus incondicionalmente (14,29), mas o nega por três vezes (14,66-72); Pedro, Tiago e João não compreendem a força do momento de oração no Getsêmani e se deixam levar pelo sono, dormindo enquanto Jesus agoniza (14,32-42); quando Jesus é preso, um jovem que o seguia foge do interrogatório dos guardas, abandonando-o nas mãos dos algozes (14,51-52).

Assim, quando a mulher unge Jesus em Betânia, é natural o espanto dos convivas e a crítica que vem dos observadores (como narram Marcos e Lucas) ou mesmo dos próprios discípulos (Mateus e João). Esta se estabelece especialmente sobre o

24. Há algumas hipóteses para a traição de Judas: (a) Seria simpatizante dos zelotas ou tinha mesma esperança de messianismo nacional político de muitos judeus; (b) Decepcionado pela linha messiânica de Jesus, o força a agir favorecendo o confronto ou então tira proveito da situação para conseguir dinheiro para si (BARBAGLIO et al. *Os Evangelhos* (I), p. 586-587).

valor do perfume, não em si, mas sim aplicado ao gesto de ungir Jesus. Será que Ele não merecia tamanho reconhecimento?

Na verdade, o perfume e a unção eram comuns nos mais luxuosos banquetes (Am 6,6). A unção era o gesto honorífico típico dos vizinhos de Israel, assimilada a seu culto cerca de 1.000 aC como prática comum ao rei, como parte do ritual de coroação.

Era executada pelos representantes do povo, e depois, especialmente em Jerusalém, por profetas e/ou sacerdotes, notificando assim a divina legitimação do Rei. Esse era o ‘ungido de YHWH’ (*mašia’ yhwah*; Sl 2,2; 20,7; 132,10.17), estava sob especial proteção de Deus (1Sm 24,7.11; 26,9-11; Sl 89,21-25), mas incumbia-lhe também uma tarefa da parte de Deus. Já que a tarefa e a capacitação eram muitas vezes consideradas como obra do espírito de Deus, a unção era vista como intimamente ligada ao dom do Espírito, ou como condição para este (1Sm 16,13; 2Sm 23,1s; sobre um profeta: Is 61,1)²⁵.

A unção estava, portanto, associada de maneira particular ao rei, certificando-o de que seu poder vinha das mãos de Deus. Aqui está também a ligação profunda da unção com o messianismo. Em 2Sm 7,12-16, há a promessa de um rei da linhagem de Davi, que reinaria para sempre, a partir do tronco decepado de seu pai, Jessé (1Sm 16). Ele seria cheio do Espírito de Deus (Is 11,1-3), de Belém (Mq 5,1-5), cheio do Espírito (Jl 3,1-5). É diante das dominações estrangeiras que a esperança em um verdadeiro libertador dos judeus cresce, chamado pelo nome de “Messias”, que significa “ungido”.

A unção realizada pela mulher e a reação dos observadores é reveladora. Ela derrama sobre a cabeça de Jesus o óleo mais caro, dando uma dimensão profética para seu gesto. Não se tratava somente de agradar um convidado; ela arrisca-se entrando no lugar que era destinado somente aos convivas e entrega seu melhor perfume para aquele que ela cria ser o enviado de Deus.

A resposta dos que aí estavam é uma prova evidente de sua falta de fé: querem aplicar o dinheiro do perfume em obras externas, sem perceber o grande caráter de internalização que aquele gesto tinha. Balancin defende que “enquanto todos ainda esperavam o que Jesus iria fazer para aceitá-lo como Messias, essa mulher anônima não tem dúvidas em reconhecê-lo como aquele que o povo esperava”²⁶. E assim, o gesto da unção ganha um significado fundamental: Jesus era realmente o Messias.

O que se segue é uma valorização do gesto por parte de Jesus, que também ganha um novo sentido, superando a própria visão da mulher sobre o messianismo. Enquanto ela o unge como rei, ele internaliza ainda mais a ação, remetendo-a à morte, provavelmente chocando ainda mais os presentes. Além de identificar-se com

25. BAUER, J.B. Messias/Messianismo. In: _____. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 257.

26. BALANCIN, E.M. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 160.

o Messias, agora ligava cada vez mais sua figura à morte²⁷. “Esta ‘unção’ resume a subversão de Marcos da ideologia messiânica”²⁸.

Jesus ressignifica a unção da mulher e a plenifica, dando sentido para seu projeto de libertação e do Reino, o que lembra sua atitude com relação à profissão de fé de Pedro (8,29.31)²⁹. Assim, deixa cada vez mais claro que sua opção amorosa de salvação implicaria como resposta natural sua morte e que, por ela, todo homem poderia encontrar um caminho de vida plena: seguir o exemplo do Mestre e entregar-se por amor, este é o discipulado cristão. Portanto, sim, o Messias poderia e deveria morrer.

3.2 *Superação das obras da Lei*

Ainda que pareça marginal, a discussão sobre a pobreza presente na períclope também pode ser lida como um elucidativo do processo de discipulado. A crítica dos presentes sobre o desperdício do perfume (v. 4), além de denotar a falta de compreensão sobre o messianismo, também evoca uma das práticas mais tradicionais do judaísmo: a esmola, entretanto, também em caráter incompleto e pouco pleno. Ao considerarmos que o incômodo dos convivas também se deu pela força do gesto da mulher e do azeite de Jesus, também há outra crítica adjacente: a mulher é de origem desconhecida, sendo impossível identificar se estaria em um estado de contaminação ou impureza³⁰ para aproximar-se dele e ungi-lo.

A reação de Jesus é severa. Em primeiro lugar, coloca-se do lado da mulher: “Deixai-a” (v. 6) que, segundo Myers³¹, lembra o episódio com as crianças (10,14). Sabe-se que a prática das esmolas era comum ao judaísmo e valorizada como um dos atos de caridade fundamentais para estar em paz com Deus³². Ao aprofundar o sentido do gesto da mulher, também o eleva a um ato de caridade: “[...] Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo” (v. 6). Afinal, que boa ação é essa?

Jesus novamente supera a visão restrita das boas ações previstas pela Lei: a ajuda aos pobres ganha sentido quando Ele está no centro. Assim, não despreza a boa ação para os pobres, afinal, o próprio Jesus diz que sempre poderão “fazer-lhes o bem” (v. 7), além de condenar a atitude injusta dos ricos por ocasião da doação

27. Schnackenburg (*O Evangelho segundo Marcos*, p. 233-234) defende que há uma dimensão fundamental neste relato: a da unção para a sepultura. Não há menção de que foi ungido por ser rei nos textos sinóticos; os três evangelistas aludem à sepultura, que é uma resposta às reflexões das primeiras comunidades cristãs sobre o significado da morte de Jesus. Além do mais, “[...] graças à narração deste episódio, os cristãos dos primeiros tempos da Igreja podiam responder à dificuldade levantada pelos judeus: como venerar Jesus-messias, morto ignominiosamente e sepultado sem a unção fúnebre?” (BARBAGLIO et al., 1990, p. 586).

28. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 426.

29. KONINGS, *Marcos*, p. 59.

30. MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 284.

31. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 426.

32. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 232-233.

da viúva ao tesouro do Templo (12,42), no qual também há uma censura da atitude exclusivamente externa, que carecia de sentido.

Na verdade, Jesus valoriza a atitude pessoal, carregada de intenção, pois o gesto era para Ele (v. 6). Talvez aqui Jesus identifica-se com o pobre, sendo “hóspede de leproso, condenado à morte”³³. Jesus não é assistencialista; prega um ato de justiça, no qual existe partilha e fraternidade: este é o projeto do Messias, a justiça e o direito, uma verdadeira fidelidade ao projeto de amor de Deus. Inclusive, faz questão de entrar em Jerusalém em um jumentinho que, segundo a cultura judaica, é o típico símbolo da paz, dos pobres³⁴.

Portanto, aqui Jesus é o pobre e que valoriza a ação dos pobres. Dizendo que a mulher está unguendo seu corpo para a sepultura (v. 8), alça seu gesto à condição de ato de caridade, uma vez que sepultar os mortos se enquadrava nesta condição. Assim, ela é a discípula que realiza o ato que as mulheres no sepulcro não conseguiriam (Mc 16,1), prestando uma homenagem a Jesus que os cristãos aspiravam depois da Páscoa³⁵.

Aqui está em evidência o caráter modelar do discipulado desta mulher: em meio à casa de excluídos (Simão, o leproso), entra em um lugar no qual as mulheres só eram admitidas para servir, talvez sendo de condição pecadora (se assumirmos a proposta de Lucas), reconhecendo em Jesus o Messias e, mesmo sem saber, fazendo um gesto profético que antecipava sua morte. Tanto Mazzarolo como Myers³⁶ concordam que nesta perícopie Jesus também faz um resgate da dignidade feminina, sendo uma mulher sem nome, paradigma das mulheres dentro da cultura semítica, mas que, entretanto, representam o paradigma do serviço, arquétipo do discípulo. Assim, o autor da perícopie deixa claro que os menores também podem seguir a Jesus, tendo uma sensibilidade até maior que a dos discípulos para reconhecê-lo como o Messias. Os menores viram os maiores.

Considerações finais

O ponto decisivo do relato da paixão está no diálogo do sumo sacerdote com Jesus, no qual pergunta se Ele é o Messias (14,61-62), sendo que a resposta é preparada pelos textos que o precedem. A resposta é firme: “Esse homem era o filho de Deus” (Mc 15,39).

Essa é a constatação que faz com que a mulher em Betânia seja lembrada por todas as partes onde o evangelho for proclamado. Sua atitude é assumida como

33. MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 427.

34. MOSCONI, L. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: para cristãos e cristãs do novo milênio*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

35. SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 234.

36. MAZZAROLO, *Evangelho de Marcos*, p. 281; MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 426.

exemplar. Assim, a perícopre de Mc 14,3-9 ilumina o caminho do discipulado cristão, a partir da superação de duas estruturas: a visão restrita sobre o Messias e o cumprimento ritualístico da Lei, carecendo de sentido. Somente assim o discipulado poderia ser vivido em sua plenitude e as primeiras comunidades cristãs, iluminadas pelo evangelho de Marcos, poderiam viver sua vida nova de forma também plena.

Ao superar estas visões reducionistas sobre o plano salvífico de Deus, a mulher está pronta para oferecer o que tem de melhor ao Mestre, em uma atitude de profunda confiança e fé. Assim é a vida do cristão, que se reconhece filho de Deus e está integrado na comunidade de Cristo: sabe que sua pertença filial é construída pela sua fé, que gera a esperança, a capacidade de mergulhar continuamente no oceano infinito do amor de Deus.

Essa experiência de submersão leva o homem a ser sensível à necessidade dos mais pobres, mas não por uma prática assistencialista, senão por uma profunda necessidade de discipulado. Ao reconhecer em Cristo o Messias, também se reconhece um novo modelo de vida, uma nova relação com Deus, com os outros e consigo mesmo. Torna-se evidente o convite para ser como o Mestre, que entrega sua vida por amor.

A experiência da corajosa mulher de Betânia é a de responder antecipadamente e amorosamente à questão de Marcos: “quem é Jesus?” É uma resposta construída antes da paixão, morte e ressurreição: “Tu és o Cristo. Por isso, é digno da unção do nardo, porque outrora foste ungido pelo próprio Deus!” Mais do que a unção, Cristo recebe o coração desta mulher, que, como a comunidade, ansiosamente esperava por seu amado e agora pode contemplá-lo diante de seus olhos em plenitude e segui-lo.

Bibliografia

BALANCIN, E.M. *Como ler o Evangelho de Marcos: quem é Jesus?* São Paulo: Paulinas, 1991.

BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990.

BAUER, J.B. Messias / Messianismo. In: _____. *Dicionário bíblico-teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 257-261.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994.

LINDEN, P.V. Marcos. In: BERGANT, D.; KARRIS, R.J. (Orgs.). *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999. V. 3, p. 45-71.

MALZONI, C. Da cabeça aos pés: a unção de Jesus em Betânia, em Mc 14,3-9 e nos textos afins na tradição evangélica. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 30, p. 95-106, 1998.

MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos: estar ou não com Jesus*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012.

MOSCONI, L. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: para cristãos e cristãs do novo milênio*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Fabrizio Zandonadi Catenassi
Rua Dario Veloso, 74. Baldan
86060-480 Londrina, PR
fabriziocatenassi@gmail.com